

CONTRIBUIÇÃO CULTURAL

DA

Agência Geral das Colónias

NAS

COMEMORAÇÕES
CENTENÁRIAS

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

*Lisboa * 1941*

***E**M acontecimento de tanta transcendência como foi o das Comemorações Centenárias, que o Senhor Presidente do Conselho, norteado pela sua elevada compreensão das oportunidades históricas, projectou, e a que deu vida, não podia o Ministério das Colónias, pelo seu departamento próprio, a Agência Geral das Colónias, deixar de apresentar larga e proveitosa contribuição cultural.*

Expõe-se, em conjunto, o plano realizado, cujas espécies se descrevem embora sumariamente.

Ver-se-á quanto cuidado houve em agrupar valores e trazer a fácil consulta dos interessados por cousas da nossa história marítima, das descobertas, da restauração, da ocupação, da propagação da Fé e de outros aspectos da nossa acção civilizadora, os livros mais raros e mais próprios, bastantes dêles inéditos.

Julgo que se prestou assim um serviço à cultura nacional e de justiça é não esquecer o nome do Sr. Dr. Francisco Machado, ilustre titular da pasta das Colónias, a quem se deve a possibilidade desta realização, e os colaboradores de tôdas as categorias, que concorreram para a execução da obra de intuito tão português e a quem já largamente me tenho referido, com os encômios merecidos.

JÚLIO CAIOLLA.

Agente Geral das Colónias

I

**CICLO DAS NAVEGAÇÕES
E DESCOBRIMENTOS**

A MARINHARIA DOS DESCOBRIMENTOS

por A. Fontoura da Costa

(23,9×16,5)

É a 2.^a edição *correcta e levemente aumentada* da obra de Fontoura da Costa, um dos livros fundamentais para a história dos descobrimentos marítimos.

«A *Marinbaria* — escreve o autor na nota com que se abre esta edição — abrange todos os conhecimentos da *Arte de Navegar dos Descobrimientos*», que «incipiente com D. Henrique, foi ela aperfeiçoada, lenta e sucessivamente, pelos técnicos peninsulares, portugueses, em grande maioria, ao serviço dos nossos Reis, e, ainda, pela longa e aturada prática dos nossos marinheiros». Este monumental trabalho é ornado de cartas preciosas, de tabelas de grande alcance científico e gravuras de valor para o estudo dos problemas náuticos que o Autor abordou com o seu reconhecido saber.

ARTE DE NAVEGAR

pelo padre mestre Cristóvão Bruno

(1628)

Prefácio por A. Fontoura da Costa

(22,5×16)

Para a publicação da *Arte de Navegar* do italiano P.^e Bruno, cisterciense depois de afiliado na S. J., utilizou-se o códice

n.º 44, da Biblioteca da Universidade de Coimbra, actualizando-lhe a linguagem, embora, para que não fôsse total a alteração, se conservassem alguns dos seus passos arrezados.

«Este trabalho, — escreve Fontoura da Costa, — é sobretudo interessante para o conhecimento dos processos que aconselha e estuda, sobre a determinação do caminho de Leste-Oeste (longitude).»

Do manuscrito foi reproduzido em fotogravura o «rostos».

BIBLIOGRAFIA NÁUTICA PORTUGUESA ATÉ 1700

por A. Fontoura da Costa

(22,5×16,2)

A presente obra «é uma modificação e ampliação da *Bibliografia*, de 1934», cujas espécies o autor verbeu e estiveram na exposição de roteiros portugueses realizada aquele ano na Escola Naval, bibliografia publicada em apêndice à primeira edição da *Marinharia dos Descobrimentos*.

Ilustram-na gravuras de rostos, e outras páginas, de livros impressos até 1700, com excepção unicamente de dois, hoje perdidos.

CARTAS DAS ILHAS DE CABO VERDE DE VALENTIM FERNANDES

(1506-1508)

por A. Fontoura da Costa

(22,5×16,5)

TRATA-SE de um estudo original do falecido historiador da ciência náutica.

Dêle dá uma sintética idêia o preâmbulo, que se transcreve:

«No fim do século xv, alguns anos depois do descobrimento das ilhas de Cabo Verde, os navegadores portugueses começaram a desenhar nas suas cartas a configuração destas ilhas. Era na *Casa da Índia*, depois da *Mina*, em Lisboa, que êsses desenhos, aperfeiçoados pelos cartógrafos régios, eram por estes lançados na carta protótipo oficial. Os melhoramentos ulteriores, obtidos pouco a pouco, deram as Cartas das Ilhas que Valentim Fernandes pôde aumentar daquela em 1506-1508. Felizmente que elas estão perfeitamente conservadas no seu códice, pertencente à Biblioteca do Estado, em Munich. Estas cartas são as únicas conhecidas até além dos meados do século xvi, na grande escala, que Fernandes empregou. Ele desenhou também, em igual escala, as ilhas atlânticas dos arquipélagos dos Açôres, da Madeira, e das Canárias, a do gôlfo de Biafra e as de Santa Helena e da Ascensão.»

Ilustram o estudo *fac-similes* de assinaturas, desenhos e as cartas de V. Fernandes, estudadas pelo autor, e sobrepostas, para verificação, às cartas actuais das ilhas de Cabo Verde.

LIVRO DE MARINHARIA DE BERNARDO FERNANDES

(de 1548)

Prefácio e notas de A. Fontoura da Costa

(22,5×16,5)

O CUPAVA-SE já o erudito prefaciador no trabalho dos Roteiros, quando o historiador rev.^o Schrammer, S. J., lhe comunicou a existência, na Vaticana, dum manuscrito português, de c. 1548. Imediatamente a Agência Geral das Colónias mandou vir fotocópias, podendo, em virtude disto, Fontoura da Costa verificar que se estava em frente de uma espécie preciosa no género do *Livro de Marinharia*, de João de Lisboa, e de raros outros, mais ou menos similares. É um manuscrito anónimo. Mas então porque dizê-lo de Bernardo Fernandes? Fontoura justifica assim, no prefácio, a designação: «tem, porem, dois diários de navegação, o primeiro da viagem de uma nau não denominada, realizada em 1538; o segundo da viagem da nau *Boquica-a-Velha*, em 1548, feitas respectivamente por André Vaz e Bernardo Fernandes, que deviam ser pilotos das referidas naus. O diário de Fernandes é cronologicamente o mais moderno, dando-se ainda o caso dê-lo fechar o manuscrito; por isso denominámos esta preciosa colecção: *Livro de Marinharia de Bernardo Fernandes*».

A publicação, que pela primeira vez se faz do manuscrito, reproduz-lo todo, tendo havido, no entanto, o cuidado de modernizar-lhe a linguagem. A fim de evitar confusões que doutro modo se deparariam ao leitor, também Fontoura da Costa cuidou de reunir matérias similares contidas, mas em ordem dispersa, no Ms. arrumando-as metódicamente, dêste modo: I — Marinharia; II — Roteiros; III — Diários de Navegação.

OS SETE ÚNICOS DOCUMENTOS DE 1500, CONSERVADOS EM LISBOA, REFEREN- TES À VIAGEM DE PEDRO ÁLVARES CABRAL

(33,3×25,5)

Reünem-se aqui :

Doc. I — Carta régia de nomeação de Pedro Álvares de Gouveia para capitão-mor da armada (Lisboa, 15 de Fevereiro de 1500).

Doc. II — Borrão original da primeira fôlha das Instruções de Vasco da Gama para a viagem de Cabral (sem local nem data).

Doc. III — Borrão original de algumas fôlhas das Instruções régias (Regimento real), dadas a Cabral para a sua viagem (sem local nem data).

Doc. IV — Borrão original das Instruções régias adicionais sob a forma de carta dadas a Cabral para a sua viagem (sem local nem data).

Doc. V — Carta de D. Manuel ao Rei de Calecute (Lisboa, 1 de Março de 1500). Enviada por Cabral.

Doc. VI — Carta do achamento do Brasil, por Pero Vaz de Caminha dirigida a D. Manuel (Pôrto Seguro, da Ilha da Vera Cruz, 1 de Maio de 1500).

Doc. VII — Carta de Mestre João dirigida a D. Manuel (Vera Cruz, 1 de Maio de 1500).

A organização desta obra foi confiada ao Comandante Fontoura da Costa. A famosa carta de Caminha deu o sr. Dr. António Baião uma nova leitura.

PRÁTICA DA ARTE DE NAVEGAR

por Luiz Serrão Pimentel

Prefácio por A. Fontoura da Costa

(22,5 × 17)

NOMEADO cosmógrafo-mor do reino, interino, em 1641, passou a exercer definitivamente o cargo depois de 1666; reger aula de pilotagem, e são lições suas, coligidas por um discípulo, que formam o códice iluminado da Biblioteca Nacional de Lisboa (*Iluminados*, 156), pela primeira vez agora publicado.

Para melhor compreensão e leitura do texto houve que alterar a ordem de algumas passagens, reunindo no mesmo capítulo as referentes ao mesmo assunto tratado.

A reprodução inclui todos os desenhos a preto e a côres, do manuscrito.

RELAÇÃO VERDADEIRA DOS TRABALHOS QUE O GOVERNADOR D. FERNANDO DE SOUTO E CERTOS FIDALGOS PORTUGUESES PASSARAM NO DESCOBRIMENTO DA FLÓRIDA

agora novamente escrita por um fidalgo português

3.^a edição

prefaciada e anotada por F. Gavazzo Perry Vidal

(22,5 × 16,5)

IMPRESSA em Évora, em 1557, por André de Burgos, posteriormente traduzida em francês e inglês, teve esta obra, por determinação da Academia Real das Ciências, uma edição em 1884, para a qual escreveu o prólogo o académico Joaquim José da Costa Macedo, que desta arte justificava a publicação: «Pôsto que pareça estranho ao objecto que a Academia tem em vista, por ser a conquista da Flórida emprêsa espanhola e não portuguesa, contudo, tiverão os Portugueses tão tamanho quinhão nela, que pode também considerar-se como sua».

Corresponde, portanto, à 3.^a a edição da Agência Geral das Colónias, que reproduz em *fac-simile* a edição *princips* e se ilustra de diversas fotografuras, entre as quais, em portada, o retrato de Souto, reproduzido das *Décadas* de Herrera (2.^a edição).

ROTEIRO DA AFRICA DO SUL
E SUESTE DESDE O CABO DA BOA ESPE-
RANÇA ATÉ AO DAS CORRENTES

(1576)

por Manuel de Mesquita Perestrêlo

Prefácio e notas por A. Fontoura da Costa

(22,5×16)

FOI o fruto dum reconhecimento ordenado por el-rei D. Sebastião, de trabalhosa navegação, por costas de escasso conhecimento entre a pilotagem coeva. Por isso, — escreve Fontoura da Costa, — do roteiro de Figueiredo se serviram tôdas as marinhas durante mais de dois séculos.

Para a actual edição bilingue foram utilizados o ms. de Évora (cxv/1-23) e a tradução inglêsa de Mc.Call, do ms. do Museu Britânico, (*Add* 16:932) (16) cópias um e outro do original que se perdeu.

Insero também a edição de 1940 o retrato, existente no Museu de Arte Antiga, do rei D. Sebastião, a quem o piloto dedicou o seu trabalho, ilustrando-a ainda cartas e «vistas de terra» recolhidas dos manuscritos.

ROTEIRO DA NAVEGAÇÃO
E CARREIRA DA ÍNDIA

TIRADO DO QUE ESCREVEU VICENTE RODRIGUES
& DIOGO AFONSO PILOTOS ANTIGOS

por Gaspar Ferreira Reimão

Prefaciado por A. Fontoura da Costa

(22,5×16,5)

TRATA-SE de um Roteiro, conforme a autorizada opinião de Fontoura, «muito notável para a época», «bem apreciado dos mareantes» coevos.

Foi impresso em 1612 com quatro mapas, presumivelmente desenhados pelo cosmógrafo-mor Luiz Teixeira, existindo desta edição um exemplar, o único que se conhece, na Biblioteca de Lisboa, onde também se encontra um manuscrito da obra, com o n.º 1.333, contendo um mapa a mais, ao que parece, do mesmo autor dos anteriores.

Tornando-se impossível a reprodução de alguns dos que a *princips* inclui, devido ao estado de deterioração em que se acham, foi resolvido utilizar igualmente os do manuscrito, tão belos, nota Fontoura, como os outros. O volume de agora insere ainda uma reprodução do «rosto» do roteiro impresso em 1612, por Pedro Crasbeeck.

ROTEIRO DA PRIMEIRA VIAGEM DE VASCO DA GAMA (1497-1499)

por Álvaro Velho

Prefácio, notas e anexos por A. Fontoura da Costa

(22,5 × 16)

O Ms. dêste roteiro, sendo uma cópia, a única que se conhece, é também a única relação histórica que existe, da viagem que levou ao descobrimento do caminho marítimo para a Índia. Acha-se na Biblioteca Municipal do Pôrto onde tem o número 804, e proveio da colecção do Mosteiro de St.^a Cruz de Coimbra, inferindo-se, do talhe e carácter da letra, que se trata dum manuscrito coevo do acontecimento.

Para Diogo Kopke, êste Álvaro Velho, redactor do Roteiro, deve ter andado, por marinheiro ou soldado, na armada descobridora. Imperfeito quanto à forma literária — dêste defeito lhe advieram injustificados desdens.

Tendo a primeira edição em 1838, por iniciativa de Kopke e do barão de Castelo de Paiva, outra se lhe seguiu em 1861 — a de Alexandre Herculano e do mesmo barão de Castelo de Paiva; em 1936 fazia-lhe nova publicação A. de Bragança Pereira, no *Arquivo Português Oriental*. É a quarta a presente, da Agência Geral das Colónias, muitas das notas da qual se baseam nas de Kopke e do dr. Hümmerich, incluindo ainda a edição quatro anexos referentes ao Gama, aos seus homens e à própria viagem.

Ilustram-na cartas elucidativas, algumas delas a côres, das derrotas feitas, *fac-similes* diversos, reproduzidos de relatos do grande Almirante: o do *Breve tratado de todos os Vice-Reis da Índia* (Palmela) e o que, a óleo, pertenceu aos condes da Vidigueira, hoje na posse da Sociedade de Geografia de Lisboa.

ROTEIROS DE D. JOÃO DE CASTRO

2.^a edição

*prefaciada e anotada pelo Com. A. Fontoura
da Costa*

(3 volumes - 2 albuns das Tavóas)

OBRA de carácter técnico como se diria hoje, em que «jámais se faz festa doutra cousa que de nomes de ventos e de fortunas e mudanças do mar, de alterações do ar, de aparências do ceo, de caminhos e rodeios que faz a nau», escrita, conforme adverte seu insigne autor, não «para se ler a damas e a galantes» mas para mareantes, integra-se, a-pesar-de tal carácter, nas nossas belas Letras de Quinhentos, tanto a curiosidade científica e o entusiasmo, observa o erudito historiador e crítico inglês sr. Aubrey G. Bell, — dão às suas descrições vigor e verdade, a mesma lucidez prática que distingue as de D. João de Castro.

I

DE LISBOA A GOA (1538)

(22,5 × 16)

EVIDÊNCIA D. João de Castro neste roteiro, — escreve o douto prefaciador, — tôda a ciência náutica recebida de Pedro Nunes, praticamente aplicada.

Para esta edição foi utilizado o texto do 1.^a, datada de

1882, que Andrade Corvo anotou, reprodução do Ms. de Évora, (cxv/1-24), cópia do original desaparecido, a que falta o prólogo e que outra cópia ali existente (cxv/1-25) inclui.

Ilustram a edição da Agência Geral das Colónias, além das estampas ou *mostras* directamente fotografadas, do principal manuscrito, um retrato antigo de D. João de Castro e, a côres, extra-texto, a reprodução da tapeçaria de Viena, representando a entrada triunfal do vice-rei em Gôa.

II

DE GOA A DIU (1538-1539)

(22,5×16)

A edição da Agência Geral das Colónias reproduz a 1.^a, de 1843, empreendida pelo Prof. Diogo Kopke, que reputava por original de D. João de Castro o códice de que ao efeito se serviu, e que lhe proviera da livraria do conde da Barca. Baldadamente o procurou Fontoura da Costa.

Este roteiro espanta-nos, observou o seu anotador de hoje, pelo que revela da «máscula energia física e moral» do herói.

Além do retrato vindo nas *Lendas da Índia*, ilustra-se a edição de 1940 duma carta do *Atlas* de João Teixeira (1630), que pára em Washington, de *fac-similes* e de cartas interpretativas de nomenclatura.

ALBUM DAS TAVOAS

(22×16)

VOLUME anexo ao anterior, formado por quinze desenhos, *Tavoas*, da edição de Kopke.

III

DE GÔA A SUEZ OU ROTEIRO DO MAR ROXO (1541)

(22,5×16)

FOI nesta edição utilizada a 1.^a, vinda a lume em 1833 em Paris, por empreendimento do dr. António Nunes de Carvalho, que reproduziu o texto do códice por êle descoberto, existente no Museu Britânico (n.º 8) cópia por D. João de Castro oferecida ao seu amigo e concorrente às lições de Pedro Nunes, o infante D. Luiz.

Presume Aubrey Bell que êste roteiro houvesse sido primeiro escrito em latim e talvez traduzido para vernáculo pelo autor, na tebaida da Penha Verde.

A edição da Agência Geral das Colónias oferece a novidade da «reconstituição» feita pelo com. Fontoura da Costa, que, depois de cotejar o ms. do Museu Britânico com o da Casa Palmela, substituiu no roteiro de agora as letras e as palavras, em itálico, com que o dr. António Nunes de Carvalho supriu no texto aquelas que corresponderam à parte queimada das tavoas do primeiro daqueles códices, por letras e palavras empregadas pelo próprio D. João de Castro.

Em portada inclui o volume o retrato do herói, tirado do *Breve tratado ou epílogo dos vice-reis da Índia* (Palmela), a reprodução *fac-simile* da 1.^a página do códice londrino, e de diversos monumentos cartográficos.

ALBUM DAS TAVOAS

(32×44)

ANEXO ao 3.º roteiro, contém a reprodução, a côtes, das quinze tavoas do códice do Museu Britânico e a preto a das sete do manuscrito da Biblioteca Nacional de Paris. Ao consumado de execução que tiveram essas reproduções se refere Fontoura da Costa, qualificando de honroso para a indústria nacional o trabalho realizado.

ROTEIROS PORTUGUESES, INÉDITOS, DA CARREIRA DA ÍNDIA, DO SÉCULO XVI

Prefaciados e anotados por A. Fontoura da Costa

(22,5×16)

CONTÉM o volume *fac-similes* de páginas de texto dos roteiros, de assinaturas, e a côtes um desenho do ms. n.º 1.333, da Biblioteca Nacional de Lisboa.

Reünem-se neste volume cinco dos mais importantes *Roteiros da Carreira da Índia*, quatro ainda não publicados e um que o fôra sòmente em língua estrangeira por Linschoten, a saber:

- I — *Roteiro para a Índia e Oriente* (C. 1530)
- II — *Colecção de Roteiros* (C. 1545)
- III — *Primeiro Roteiro da Carreira da Índia* (C. 1577)
- IV — *Roteiro das Ilhas Primeiras e de Angoxe* (1600)
- V — *Roteiro da Carreira da Índia* (1600)

I

ROTEIRO PARA A ÍNDIA E ORIENTE

C. 1530

De autor anónimo

PEUQUENO códice português, anónimo, existente no Arquivo Geral das Índias (*Indiferentes*, n.º 1530), de Sevilha. Examinou-o em 1934 o seu anotador, que se inclina à suposição de não passar de apontamento de qualquer piloto, extraído duma das várias cópias do *Livro de Marinbaria* que, pelo tempo, andava muito em mãos de mareantes. O «roteiro de Lisboa para a Índia», parcialmente copiado do manuscrito, é o mais antigo que se conhece daquela viagem.

Para melhor leitura houve o cuidado de modernizar-lhe a linguagem e a ortografia.

II

COLECÇÃO DE ROTEIROS

C. 1545

de Manuel Álvares

Os *pilotos* sempre possuíram, conta-nos Fontoura da Costa, os seus cadernos de apontamentos de navegação, recebidos, ou copiados de outros mais antigos, a que os mais cultos e cuidadosos iam acrescentando novas informações, as suas próprias observações pessoais.

Da colecção de Álvares, homem no dizer de D. João de Castro, «experimentado na carreira da Índia», existem duas cópias: uma na posse do historiador britânico, sr. C. R. Boxer;

a outra, pertença da Biblioteca Nacional de Paris (*Fonds. port.* n.º 56, *ancien* n.º 58), do século XVI qualquer delas.

Para a publicação de agora aproveitou-se a primeira, de leitura menos árdua, cujo texto assim mesmo Fontoura da Costa não pôde dispensar-se de modernizar.

III

PRIMEIRO ROTEIRO DA CARREIRA DA ÍNDIA

C. 1577

de Vicente Rodrigues

COM Diogo Alvares ficou êste Vicente Rodrigues clássico como roteirista daquela carreira.

Compôs dois roteiros. Do primeiro, moldado na maneira de Diogo Afonso, existia ainda no século XVIII, na Livraria do Conde de Redondo, uma suposta cópia que veio depois a desaparecer. Dêle mandou Linschoten fazer traduções: em holandês (1576), em inglês (1598), em latim (1599), em francês (1610). Do segundo há duas cópias insertas nos códices n.ºs 1507 e 6651 da Biblioteca Nacional de Lisboa; existindo outra também, em português, e em tradução espanhola um fragmento, na Biblioteca Nacional de Madrid, (C 3176).

Para a sua edição pela Agência Geral das Colónias foi utilizada a versão francesa de Linschoten, livremente passada a vernáculo.

IV

ROTEIRO DAS ILHAS PRIMEIRAS E DE ANGOXE

anterior a 25 de Março de 1600

de João Baptista Lavanha

DÊSTE roteiro serviram-se os roteiristas do século XVII. Lavanha nasceu entre 1545 a 1550.

Em 1596 era nomeado definitivamente cosmógrafo-mor do reino. Nunca foi mareante. Por tal motivo causou admiração que êle houvesse composto além dêste, outro roteiro, da navegação da Índia, que, adquirido pelo bibliógrafo J. Ferreira das Neves, foi parar mais tarde a Paris, ignorando-se-lhe hoje o paradeiro. Fontoura da Costa é levado a supôr que Lavanha os tenha extraído de apontamentos e informações de pilotos que navegaram nas paragens que descreve.

Serviu à publicação de agora a cópia, única conhecida, da Biblioteca Nacional de Madrid, (Cota: Ms. 3176, Fols. 27-29) em espanhol. É de crer, porém, que o original, que se perdeu, o haja escrito Lavanha na sua língua, de mais estando em Lisboa na ocasião de o redigir.

V

ROTEIRO DA CARREIRA DA ÍNDIA

25 de Março de 1600

de

Manuel Monteiro e Gaspar Ferreira (Reimão)

estando presente J. B. Lavanha

A presença de Lavanha indicada no manuscrito deverá significar, segundo Fontoura da Costa, que o cosmógrafo-mor do reino reviu, senão emendou o roteiro existente em tradução na Biblioteca Nacional de Madrid, e que faz parte de um códice (Ms. 3176) com vários roteiros portugueses, todos igualmente em versão para o espanhol.

TRATADO DA SPHAERA POR PERGUNTAS E RESPOSTAS

por D. João de Castro

Prefácio e notas de A. Fontoura da Costa

(22,5 × 16)

EMBORA mesmo os mais notáveis biógrafos de D. João de Castro não aludam ao *Tratado da Sphaera* ao ocuparem-se da obra científica do grande varão português, não duvida Fontoura da Costa que êle seja da sua autoria, composto no breve período em que governou a Índia (1545-1548). Do original que veio a perder-se, resta na Biblioteca Nacional de Madrid uma cópia (M.^s 1140), compreendendo ainda o respectivo códice: um diálogo sobre geografia, que mostra a «invulgar cultura» do vice-rei, e o «perfeito conhecimento» que tinha «de Ptolomeu e seus mapas»; uma transcrição do roteiro de Lisboa a Gôa, «Notação famosa», e uma Informação «muito notável» dirigida a el-rei D. João III sobre a acesa e dilatada questão da posse do Maluco.

UMA CARTA NÁUTICA PORTUGUESA, ANÓNIMA, DE «CIRCA» (1471)

(60×75)

TRATA-SE da mais antiga carta portuguesa, talvez mesmo a única do século xv.

Existente em Modena, na Biblioteca Estense, aí a pôde examinar em 1939 o Com. Fontoura da Costa, e apreciar «a sua grande beleza e incalculável valor», sendo agora pela primeira vez publicada em reprodução *fac-similada*, a côres.

Acompanha-a, à parte, uma memória em português, francês e inglês original daquele saúdoso historiador.

VIDA DE D. JOÃO DE CASTRO

QUARTO VICE-REI DA ÍNDIA

por Jacinto Freire de Andrada

(22,5×16)

É a nova edição da famosa biografia seiscentista, que tendo sido divulgadíssima, se tornou rara e importava tornar de novo acessível.

Abstraindo do seu mérito histórico esta obra, exemplar do critério historiográfico da época em que foi composta, é, pela elocução das suas páginas e pelo entusiasmo patriótico que as anima um dos grandes e mais belos padrões da nossa Literatura do século xvii.

II

CICLO DA RESTAURAÇÃO

A RESTAURAÇÃO E O IMPÉRIO COLONIAL PORTUGUÊS

(22,5 × 16)

PUBLICADO pela Agência Geral das Colónias, por pertencer à Secção de Propaganda e Recepção da Comissão Executiva dos Centenários, este volume (conforme se lê na *Explicação Prévia*) «teve em vista integrar o grande facto histórico no conjunto da vida portuguesa daquele tempo, para que se não localizasse às vezes, como é costume, em Lisboa apenas, ou pouco mais, e naquela manhã inconfundível do 1.º de Dezembro».

Com tal esforço a obra comporta além do estudo, na *Introdução*, das «Consequências imediatas da união com a Espanha na decadência do Império Colonial Português» — da autoria do historiógrafo, sr. dr. Manuel Múrias —, os seguintes capítulos e secções: I — «O Império Português na hora da Restauração», pelo *catedrático Damião Peres*; II — «A Reconquista do Império — Brasil: a) Brasil político-militar; b) Brasil social», pelos *académicos brasileiros Pedro Calmon e Hélio Viana*; III — «A Reconquista do Império — África: a) Costa da Guiné; b) S. Tomé e Angola; c) Costa Oriental», *respektivamente pelos investigadores de história colonial, coronel Leite de Magalhães, Gastão de Sousa Dias e general Teixeira Botelho*; IV — «A Reconquista do Império do Oriente, pelo escritor de assuntos militares general Ferreira Martins; «Vinte Anos de Batalhas», pelo *publicista Gastão de Melo e Matos*.

O volume, que é panorâmica valiosa para o conhecimento das repercussões do movimento restaurador no Ultramar Português, apresenta, nas últimas páginas, uma valiosa conclusão

de positivo interêsse para o conhecimento do moderno sentido de política imperial portuguesa, filiada na tradição.

O livro tem, em portada, a reprodução de uma bela gravura em madeira de Seiscentos, que simboliza a universalidade cristã da Lusitânia.

FRANCISCO BARRETO

RESTAURADOR DE PERNAMBUCO

por Pedro Calmom

(20×15)

É a biografia, numa síntese impressionante, do grande militar e governador, que tendo traçado as suas primeiras armas na Metrópole, nas guerras do Alentejo, comandou as duas batalhas dos Guararapes e expulsou os holandeses de Pernambuco.

Seu biógrafo, autor, colaborador valioso nas obras do Ciclo Centenário da Agência Geral das Colónias, resume tóda essa acção nesta espécie de legenda:

«Administrou com dureza, honradez e inteligência.

E — ao todo, — estava pobre.»

HENRIQUE DIAS

HERÓI DA RESTAURAÇÃO DE PERNAMBUCO

por Frazão de Vasconcelos

(22×15)

O autor aproveita todos os elementos conhecidos e alguns inéditos para traçar a biografia de Henrique Dias, o «preto de nascimento, claríssimo por acções», que chefiou as fôrças negras que colaboraram na Restauração do Brasil contra os holandeses.

HISTÓRIA GERAL DAS GUERRAS ANGOLANAS

por António de Oliveira de Cadornega

(1680)

Anotado e corrigido por José Matias Delgado

(2 volumes)

(22,5×16)

ELEMENTO precioso para o estudo da conquista de Angola, esta obra, escrita em 1680, foi pelo autor, António de Oliveira Cadornega, capitão reformado e, como êle próprio se diz, «cidadão da cidade de S. Paulo da Assunção», dedicada ao príncipe D. Pedro.

Ilustra o volume da nova edição, o «rostro» do respectivo manuscrito existente na Biblioteca Nacional de Paris.

LUÍS BARBALHO

(1601-1644)

por Bernardino José de Sousa

(20×15)

É uma das mais altas figuras, — administrador e soldado, — do Brasil, no século xvii. A sua vigorosa figura ressalta nitidamente através dos trabalhos, sacrifícios, heroísmos e virtudes públicas, que são tôda a sua arte, do estudo do Dr. Bernardino José de Sousa, escritor, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Completa-se o estudo duma colecção de documentos na sua maioria colhidos no Tombo de Lisboa.

MARTIM SOARES MORENO

FUNDADOR DO SEARA, INICIADOR DO MARANHÃO E DO PARÁ,
HERÓI DA RESTAURAÇÃO DO BRASIL CONTRA FRANCESES
E HOLANDESES

por Afrânio Peixoto

(20×15)

COM a inteligência que lhe é peculiar, traça o autor a biografia de um dos mais notáveis lidadores de Portugal no Brasil, durante a primeira metade do século xvii. Martim Soares Moreno, tendo começado no Ceará a sua acção ao sair da juventude, ainda colaborou como Mestre de Campo na expulsão dos holandeses do norte do Brasil.

O PERÍODO DA RESTAURAÇÃO NA ÍNDIA

por A. Botelho de Sousa

Contra-Almirante

(20×15)

NUMA síntese rigorosa, o sr. Contra-Almirante Botelho de Sousa estuda os esforços realizados na Índia, para salvar do grande muério de El-Rei D. Manuel I, o que ainda podia salvar-se. Contra as fôrças muito mais poderosas da Holanda e da Inglaterra, os Governadores e os Capitães portugueses puderam escrever algumas páginas gloriosas, excessivamente esquecidas. Através dêste livro se poderá ver como, apesar da inevitável dispersão da luta para a reintegração do Império, que Portugal sustentava em todos os mares e em todos os continentes, a acção desenvolvida na Índia é, algumas vezes, verdadeiramente extraordinária.

O PERÍODO DA RESTAURAÇÃO NOS MARES DA METRÓPOLE, NO BRASIL E EM ANGOLA

por A. Botelho de Sousa

(20×15)

EM páginas que lembram painéis, pelo vigor evocativo, descreve o autor a epopeia das lutas que sustentámos no século xvii pela conservação do Império, e que prosseguiram depois de proclamada a Restauração.

PADRE ANTÓNIO VIEIRA

Seleção, ordenação, prefácios e notas

por Hernani Cidade

(4 volumes)

(22,5×17)

PRECEDE a antologia um largo estudo da vida e do espírito do glorioso Jesuíta, realizado com desvelada imparcialidade e penetração psicológica, pelo professor da Faculdade de Letras ulissiponense, dr. Hernani Cidade, que, além disso, seleccionou, prefaciou e anotou os sermões — «riquíssimos minérios, conforme Camilo os reputava, do mais fino ouro pelo que respeita à linguagem».

Como segue desenvolveu aquele professor o plano do seu trabalho.

Numa eloqüente nota preambular ao 1.º volume, o sr. dr. Hernani Cidade faz ainda a interessante história da inclusão, tão bem cabida, dos sermões no Ciclo de obras editadas pela Agência Geral das Colónias Comemorativas dos Centenários — por sugestão de S. Ex.^a o Ministro, sr. dr. Francisco Vieira Machado. A antologia, que não tem um «objectivo puramente estético», visou principalmente a colocar diante de nós todos, no ardor e, por vezes, no paradoxal das suas atitudes, a figura sempre atraente, do missionário e diplomata cujo nome encheu a história portuguesa durante meio século, e a mostrar-nos aquela «mística da Restauração» que, tendo sido de «uma das mais vivas forças morais que animaram o movimento», o génio de Vieira incarnou, por último, dando-se com singular fé à utopia do Quinto Império.

PERO COELHO DE SOUSA

por Gustavo Barroso

(20×15)

O nome de Pero Coelho de Sousa está ligado à ocupação da Paraíba. O Dr. Gustavo Barroso, do Instituto Histórico Brasileiro, recorda em páginas de admirável vigor literário a aventura espantosa do Herói, até à sua morte de sacrifício, graças ao qual «o Brasil se apresentava perante a Restauração com a sua linha de costas integral sôbre o Atlântico».

SALVADOR CORREIA DE SÁ E BENEVIDES

VIDA E FEITOS, PRINCIPALMENTE NO BRASIL

por Clado Ribeiro de Lessa

(20×15)

CLADO Lessa, escritor erudito brasileiro, utilizando originais da sua posse, e outros dos que insere uma preciosa coleção, que vai hoje em quarenta e dois volumes, recolha de documentos do Arquivo Nacional e da Biblioteca do Rio de Janeiro, compôs, com pena destra o perfil do grande homem que interveio decisivamente durante meio século na vida ultramarina de Portugal, especialmente no Brasil, em Angola e, como conselheiro, no Conselho Ultramarino.

SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DAS GUERRAS DA RESTAURAÇÃO NO MAR E NO ALÉM-MAR

por A. Botelho de Sousa

(2 volumes)

(22,5 × 16)

Não foi fácil levar a efeito esta obra. O autor diz serem insufficientes as fontes a que era possível recorrer para realizar um trabalho definitivo e escasso o tempo. Por isso modestamente attribue ao seu trabalho a qualidade de esboço. Entretanto, o trabalho resultou copioso e deu matéria para dois volumes cheios. Uma patriótica finalidade movera o autor à aceitação do convite da Agência Geral das Colónias: deixar ao seu leitor a impressão «de quanto importava, e ainda importa à nação, a posse de uma fôrça naval adequada à defesa dos seus territórios e interêsses». E isto o consegue, por forma brilhante.

Uma curiosa iconografia, — retratos, cartas, plantas topográficas locais, — acresce o merecimento do trabalho.

III

CICLO DA OCUPAÇÃO

A ENGENHARIA PORTUGUESA NA MODERNA OBRA DA COLONIZAÇÃO

por Alexandre Lopes Galvão

(22,5×16)

TRABALHO histórico em que são descritas as obras de grande envergadura da nossa engenharia, levadas a efeito no Ultramar, e a correspondente política mantida, com diverso ritmo, desde os meados do século XIX até aos largos planos de fomento do Estado Novo, de efectivação em curso. Faz-se neste quadro, como é de justiça, a recordação de estadistas, engenheiros, administradores cujos nomes se acham ligados aos empreendimentos, acompanhando-se, além disso, a edição de vários retratos e de fotografuras de diferentes monumentos da engenharia no Ultramar.

ALGUNS ASPECTOS DA VIAGEM PRESIDENCIAL

(32,5×25,5)

(5 volumes)

I

O primeiro album, desdobrado em dois tomos, compreende a reportagem fotográfica da visita realizada pelo Chefe do Estado a S. Tomé e Príncipe e Angola, durante os meses de Julho e Agosto de 1938.

No primeiro t6mo arquiva-se o document6rio da partida de Lisboa e da estadia do sr. General Carmona e do sr. Ministro das Col6nias nas Ilhas de S. Tom6 e Pr6ncipe, fixando-se, tamb6m, diversos instant6neos da expressiva cerim6nia da Ponta do Padr6o, na foz do Zaire.

O segundo t6mo guarda as mais importantes fases da visita presidencial a Angola e as cerim6nias do regresso do sr. Presidente da Rep6blica 6 capital do Imp6rio.

II

Nos dois volumes e no apenso ao segundo album, juntam-se flagrantes vistas da segunda viagem presidencial, durante os meses de Junho, Julho, Ag6sto e Setembro de 1939, a Cabo Verde, S. Tom6, Moçambique, Uni6o Sul Africana e Angola.

Os actos hist6ricos dessa visita 6s terras africanas do Imp6rio e no Estado da 6frica do Sul foram arquivados pelo reporter-fotogr6fico em numerosos instant6neos, bem como as fases mais caracter6sticas da partida e da chegada do Chefe do Estado e do sr. Ministro das Col6nias.

Os dois albuns, em rotogravura, formam o mais completo document6rio dos dois grandes acontecimentos de alto significado na pol6tica imperial portuguesa.

ANGOLA

APONTAMENTOS S6BRE A COLONIZA6O DOS PLANALTOS
E LITORAL DO SUL DE ANGOLA

por Alfredo de Albuquerque Felner

(Obra p6stuma)

Pref6cio por Gast6o de Sousa Dias

(3 volumes)

(22,5 X 16)

CONTINUANDO o trabalho do mesmo t6tulo, sa6do em 1933 dos prelos da Imprensa da Universidade de Coimbra, e em que Felner trata dos acontecimentos decorridos desde o descobrimento at6 ao s6culo XVIII, os tr6s volumes agora publicados pela Ag6ncia Geral das Col6nias desenvolvem os factos da coloniza6o dos planaltos e litoral do sul de Angola, do s6culo XVIII 6 altura, — como escreve o sr. Gast6o de Sousa Dias, — em que ali surge a grande figura de militar e administrador que foi Artur de Paiva. P6ginas em que fica apainelada a odisseia dos colonos, em que se «desenham com nitidez» as figuras principais dessa hora da Ocupa6o, tais como o governador Costa Leal e o colono Bernardino de Figueiredo. Copiosa 6 a documenta6o re6nida pelo autor, e dela pode repetir-se o que com absoluto ac6rto afirma o pref6cio: com ela qu6si se acha feita a hist6ria da coloniza6o de Moss6medes.

Ilustram o I volume diversos retratos e uma planta dos terrenos distribu6dos pelos primeiros colonos.

IV

CICLO DA
PROPAGAÇÃO DA FÉ

D. MARCOS TEIXEIRA

QUINTO BISPO DO BRASIL

por Wanderley Pinho

(20×15)

O Autor, distinto investigador brasileiro, esclarece notavelmente a biografia, complicada pela existência de um homónimo, do Bispo do Brasil, D. Marcos Teixeira, o grande animador da reconquista da Baía aos holandeses.

LUIZ FIGUEIRA

A SUA VIDA HERÓICA E A SUA OBRA LITERARIA

por Serafim Leite

(22,5×16)

O rev.º dr. Serafim Leite, da Academia Portuguesa de História e da Academia Brasileira de Letras, o consagrado investigador da acção civilizadora e portuguesíssima do Instituto de Santo Inácio no Brasil, dá neste livro um completo estudo da figura do autor da *«Arte da Língua Brasilica»* e do redactor consciencioso das *«Relações e Memórias»* que «são fontes puras de história colonial».

Pela maneira como apresenta o retrato psicológico do alentejano de nascimento; pela forma como anota os trabalhos do ilustrado missionário, a obra do sr. dr. Serafim Leite é mais um elemento precioso para o conhecimento da tarefa evangélica dos Jesuítas no Brasil.

Ornam o volume gravuras e mapas de particular interesse histórico.

O BEATO JOÃO DE BRITO

por Frederico Gavazzo Perry Vidal

(3 volumes)

(20×15)

A LÉM da vida terrena, descrita com desvelo erudito, do admirável missionário da Fé e do Império, a quem o Oriente reservava a palma de martírio, ocupa-se o autor, neste estudo, do aspecto sobrenatural do glorioso beato.

O PADROADO PORTUGUÊS DO ORIENTE

(*Esbôço histórico*)

por António da Silva Rêgo

*Missionário do Padroado (Diocese de Macau) | Bacharel formado
em Ciências Históricas | pela Universidade de Louvain*

(22,5×16)

É a primeira história geral de Padroado que se escreveu em língua portuguesa. O autor utilizou a bibliografia conhecida e completou-a com a documentação encontrada no Arquivo Histórico Colonial.

A importância do Padroado ressalta rigorosamente desta

obra imparcial, imprescindível para o conhecimento da acção missionária dos portugueses no Oriente.

O valioso livro é apresentado com uma carta ao autor do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. José da Costa Nunes, Bispo de Macau, e um prefácio, cheio de interesse, do Rev. Padre Pierre Charles, S. J., no qual o prefaciador diz esperar a história completa do Padroado, que «deve ser acessível a todos os leitores europeus», desejando «a mais larga difusão deste estudo».

O trabalho do P.^o Silva Rêgo, que encerra grande cópia de documentos inéditos, é apenas o «Padroado em questão», pois a invasão da Bélgica (10 de Maio de 1940) não permitiu ao autor, assistindo na Lovaina, acabar a segunda parte «O Padroado em acção» que lhe está a merecer a mesma cuidadosa atenção das belas páginas históricas apresentadas.

Completa o volume uma resenha das fontes e bibliografia de que o autor se serviu e que são, para o leitor curioso do assunto, óptimo elucidário.

V

VÁRIA

A SENHORA DE PANGIM

(*Romance histórico*)

por Gustavo Barroso

(22,5×16)

O ilustre escritor brasileiro, conciliando as suas qualidades de ficcionista com as de historiador, compôs uma evocação do Mundo Português: o Brasil, Portugal, a África e a Índia, tendo por fulcro a figura histórica, embora romanceada, de D. Maria Ursula de Abreu Lencastre, a «Senhora de Pangim». É a homenagem de um brasileiro ao génio da nossa raça, que tanto se manifestou nos filhos do Reino como nos portugueses nascidos além-mar, nas terras do Império.

COMENTÁRIOS DO GRANDE CAPITÃO RUI FREIRE DE ANDRADA

Prefácio e notas por Cervásio Leite

(22,5×16)

É Rui Freire de Andrada, por assim dizer o último herói das nossas combatividades do Gôlfo Pérsico. Colhem-se dos «Comentários», como escreve o autor da introdução à edição de 1940, — datando de 1647 a primeira, até há pouco única, — ensinamentos vários e profundos, exemplos concludentes da influência do poder marítimo, do êrro do abandono da fiscalização dos mares, do rendimento duma ar-

mada «com alto valor e forte vontade de combater». Quanto à figura de Rui Freire, ressalta ela do trabalho do Comandante Gervásio Leite, feito com todo o escrúpulo histórico, como uma das maiores figuras da nossa História Militar. Morrendo ainda na pujança da idade, ao cabo de muito cansativo labor, foi sepultado em Mascate, inscrevendo a pedra que o cobriu êste singelo e eloqüente epitáfio: «Aqui jaz um homem».

MANUEL CERVEIRA PEREIRA

por Gastão de Sousa Dias

(20X15)

REVIVE nestas páginas, em tôda a sua dramática existência a figura do «inquieta conquistador» e fundador da povoação de Benguela, — através dos seus acidentados governos, das amargas queixas que dirigia à côrte, das intrigas que lhe envenenaram os dias, o peito, porém, sempre exposto, ao serviço da Nação e do seu grande sonho criador, ao inimigo — que foi tanto o gentio como o invejoso, o detractor com suas campanhas mais ou menos ostensivas.

MENSAGEM

por Fernando Pessoa

(19,5X14)

MENSAGEM», poema de Fernando Pessoa, é já um livro que tomou o seu lugar na História da Literatura Portuguesa. Livro recente, não o macula o transitório ou a oportunidade. Vive, na essencialidade da sua poesia, o que é eterno e universal.

Canta a pátria portuguesa no trânsito da sua vida histórica; é epopeia, mas epopeia dum espírito filosófico, místico e profético.

Em «Mensagem» Portugal cumpre um destino universal. Os seus grandes homens: — heróis, poetas e santos, são, além de personagens do grande drama *lusíada*, também agentes duma acção que interessa ao mundo, em geral, e que ainda não chegou ao seu termo. Portugal, para o poeta, ainda se não cumpriu inteiramente...

O tom profético do poema, a magestade do vulto que Portugal toma e projecta no Desconhecido e no Futuro, são *aviso* duma grande realização colectiva, dum grande acto de criação nacional, que esperam a Hora da sua eclosão, nos domínios obscuros do Tempo.

«Mensagem» é, pelo seu significado poético e nacional, a epopeia da modernidade portuguesa.

NUNO ÁLVARES BOTELHO

CAPTÃO GERAL DAS ARMADAS DE ALTO BORDO
E GOVERNADOR DA ÍNDIA

Prefácio e notas por A. Botelho de Sousa

(22,5×16)

O autor reúne aqui a *Relação sumária e mui verdadeira dos sucessos da armada do capitão geral Nuno Alvares Botelho...* feita por um religioso da Ordem de Santo Agostinho que a tudo se achou presente (1625) e as *Vitórias do Governador da Índia Nuno Alvares Botelho*, pelo Padre Manuel Xavier, da Companhia de Jesus (1633).

O sr. contra-almirante Botelho de Sousa recorda os méritos do chefe militar esquecido, para o que vem «tornar conhecidos os documentos comprovativos da estatura militar-naval de Nuno Álvares Botelho..., uma das altíssimas figuras de capitão-mor de que a marinha portuguesa pode orgulhar-se».

No livro reproduz-se um *fac-simile* da assinatura do heróico marinheiro, bem como uma vista panorâmica da fortaleza de Mascate, do *Livro do Estado Oriental da Índia*, de Pedro Barreto Rezende (1645) e o rôsto da 1.^a edição (1633) do livro do P.^o Manuel Xavier.

NUNO ÁLVARES BOTELHO

por A. Botelho de Sousa

(20×15)

CONTRASTANTE e reabilitador do período das prodigalidades e dos desacertos no Ocidente, de que Diogo do Couto foi, no *Soldado prático*, o cronista flagelador, Nuno Álvares Botelho é tanto um bravo como um vulto de austeras virtudes. A glória das suas batalhas feridas em singulares condições de inferioridade, da sua parte, contra ingleses e bátavos em Ormuz e Surrate, e a armada achem em Malaca, correspondeu uma pobreza não menos gloriosa que, à sua morte em pleno triunfo, se provou pelos bens inventariados: quatro camisas, seis cruzados em dinheiro e papéis de grossas dívidas contraídas ao serviço do rei.

A sua figura cresce, viva, aos nossos olhos, das novas páginas que o lembram.

RUI FREIRE DE ANDRADA

por Gervásio Leite

(20×15)

No quadro do aluimento do nosso império do Oriente, mostra-se-nos Rui Freire a nobilitar o nome português, com a sua admirável teima de reapossar-se de Ormuz. Por fim, houve que desistir de reaver a praça. Mas já Rui Freire, conforme pondera o seu biógrafo, a levara a tal estado de ruína que não valia a pena retomá-la.

*Este livro realizado pela
Editorial Ática, Rua das Cha-
gas, 23 a 27, Lisboa, foi
composto e impresso durante
o mês de Janeiro de 1941*

B 25

ADh

$\frac{1}{12}$

HB 25

ADh

$\frac{1}{12}$